



## **Abordagens metodológicas na, sobre e através da internet e as práticas pedagógico-musicais em mídias sociais: reflexões sobre práticas etnográficas na cibercultura e no ciberespaço**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: ST-02. Formação musical, diversidade e cultura: etnomusicologia e educação musical em diálogos e interações

*Gutenberg de Lima Marques*

Universidade Federal da Paraíba - gutenberglm@gmail.com

**Resumo.** Este trabalho visa discutir aspectos sobre a relação da internet em pesquisas científicas e refletir sobre a prática etnográfica, de modo a (re)pensar o desenho metodológico de pesquisas em Educação Musical em diálogo com a Etnomusicologia. Para tanto, toma como base trabalhos científicos de diversas áreas, assim como trabalhos imersos em práticas do campo digital e online. Visto que no ambiente digital há participação dos sujeitos em rede, desbravar pesquisas no ciberespaço requer do pesquisador a sua imersão em meio aos conteúdos, máquina e pessoas. Assim, se aponta a tomada das práticas etnográficas enquanto possibilidade de estratégia metodológica ao se investigar fenômenos pedagógico-musicais na cibercultura e no ciberespaço.

**Palavras-chave.** Educação Musical contemporânea. Práticas pedagógico musicais online. Prática etnográfica.

**Methodological approaches in, about and through the internet and musical pedagogical practices on social media: reflections about ethnographic practices in cyberculture and cyberspace**

**Abstract.** This work aims to discuss aspects of the relationship of the internet in scientific research and reflect on ethnographic practice, in order to (re)think the methodological design of research in Music Education in dialogue with Ethnomusicology. To do so, it draws on scientific works from different areas, as well as works immersed in practices in the digital and online field. Since in the digital environment there is the participation of subjects in a network, conducting research in cyberspace requires the researcher to be immersed in content, machine and people. Thus, it is pointed out an approach to ethnographic practices as a possibility of methodological strategy when investigating pedagogical-musical phenomena in cyberculture and cyberspace.

**Keywords.** Contemporary Music Education. Online musical pedagogical practices. Ethnographic practice.

### **1. Introdução**

Dia após dia nos deparamos com alguma nova invenção tecnológica, desde a revolução industrial, ou poderíamos dizer desde a manipulação do fogo, até os dias contemporâneos com as tecnologias digitais. A sociedade do século XXI vem se ajustando a um novo computador, uma nova tecnologia de internet, um novo aplicativo, entre tantos “novos”. Enquanto há novos contextos e conhecimentos sendo gerados, também surgem novas práticas pedagógicas que se adequam (ou não) a estes cenários. Cada vez mais nos deparamos com as possibilidades de “aprendi no YouTube” (THEES, 2019).

Aprender, e ensinar, nas mídias sociais, por exemplo, já se tornou algo rotineiro, seja para aprender a cozinhar ou até mesmo para tocar violão (BURGESS; GREEN, 2009, p. 102). Visto que a Educação Musical abarca um universo amplo de práticas pedagógico-musicais, incluindo então as práticas pedagógicas digitais e em mídias sociais, há então a necessidade de abordagens metodológicas que deem conta de compreender e *pensarfazer* os diversos fenômenos existentes em nossa sociedade contemporânea.

Entre as diversas estratégias investigativas utilizadas para compreender fenômenos pedagógicos, podemos destacar as abordagens metodológicas que são comumente utilizadas na Educação Musical, tais como estudo de caso (e.g. WOLFFENBÜTTEL, 2010; FRACASSO, 2020); pesquisa documental (e.g. QUEIROZ, 2017; PEREIRA, 2014); e pesquisa-ação (PAIVA, 2019; CERNEV, 2015). Nesse sentido, podem ser contemplados fenômenos pedagógicos entendidos como casos, onde há uma determinada ação realizada em determinado contexto, por determinados sujeitos. Assim como investigar documentos que registram ações pedagógicas, sejam eles arquivos físicos, digitais, leis, livros didáticos, entre outras formas de registro. Ou ainda, partindo da própria prática docente, *fazerpensar* uma práxis pedagógico-musical em ciclos investigativos onde se há planejamento, execução e avaliação da própria prática.

Em certa medida essas abordagens têm sido utilizadas em diversos contextos e cenários pela Educação Musical. No entanto, chamo aqui a atenção a seguinte reflexão: em que medida tais estratégias metodológicas poderão ser materializadas para compreender fenômenos que são cada vez mais peculiares e diversos em um mundo contemporâneo onde o professor e o aluno estão cada vez mais espalhados geograficamente e culturalmente?

Partindo do contexto digital, como poderemos registrar um caso que não é palpável e observável em um mundo presencial? Como se dá, por exemplo, a observação em um cenário *online*? Seriam os dados digitais entendidos como documentos? Ou mais que documentos, os elementos humanos, tecnologias e informações formam uma rede cultural, onde também acontecem práticas pedagógicas musicais? Particularmente chamo a atenção para este último cenário.

Ao lidar com o cenário de pandemia mundial e a necessidade de distanciamento social para o enfrentamento da Covid-19 em 2020 (e enquanto perdurar essa luta), nos vemos na necessidade de transpor todas as práticas musicais e pedagógicas para um ambiente digital, reflito então em quais abordagens serão utilizadas para investigar os fenômenos contemporâneos desse contexto. Inclusive as adaptações que foram necessárias em pesquisas

em andamento nesse momento. De modo que, com base na literatura científica de diversas áreas, tais quais a Música, a Comunicação Social e a Pedagogia, este trabalho<sup>1</sup> visa discutir aspectos sobre a relação da internet em pesquisas científicas e seus avanços epistemológicos e refletir sobre a prática etnográfica, em especial no que comente as especificidades em pesquisas na internet e no contexto pedagógico musical.

## **2. Investigações que se desenvolvem sobre, na e através da internet**

Com o advento das inovações tecnológicas digitais, a exemplo das mídias sociais e do YouTube, surgem práticas e fenômenos com características próprias, fazendo-se necessário (re)pensar e desenvolver pesquisas científicas que tomam a internet em seu escopo.

Ao discutir o uso da internet em pesquisas, Yamaoka nos atenta a uma característica que podemos considerar: o volume exponencial de informação disponível.

A riqueza da Internet como fonte de informação independe das motivações e dos objetivos da busca. Ela materializa algumas das marcantes características da nossa era, como a sobrecarga informacional, a fragmentação da informação e a globalização, todas provocadoras de estudos, pesquisas, discussões e polêmicas. (YAMAOKA, 2012, p. 146)

A autora aponta que ao utilizar a internet enquanto fonte de informação, devemos ter em mente que: o idioma da internet é o inglês, de modo que deve-se ampliar as buscas de informações neste idioma; e a volatilidade do conteúdo da Web, no sentido de que “nada garante que a informação acessada em determinado momento esteja disponível no próximo instante”. (YAMAOKA, 2012, p. 151)

Ao discutir métodos de pesquisa para a internet, Fragoso e colaboradoras, apontam uma peculiaridade desse contexto, no sentido de que “a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)”. (FRAGOSO *et al.*, 2011, p. 17)

Algumas recomendações são apontadas por Baym (2005, p. 232) ao se tomar a internet como campo de pesquisa: manter a contextualização com estudos anteriores, no sentido de que as pesquisas devem se basear naquilo que já existiu; abordar a pesquisa com senso de responsabilidade, buscando desenvolver trabalhos que melhore as condições humanas; haver um esforço de olhar para um cenário maior, além das nossas condições locais; manter o diálogo

e troca de ideias as outras áreas, além de usar uma linguagem que seja entendida por outros públicos; e ser reflexivo, mantendo um questionamento contínuo nas escolhas e definições.

Markeham e Baym (2009) consideram que ao desenvolver pesquisa qualitativa na internet somos chamados a “uma forma exagerada do que todos os pesquisadores qualitativos exigem - uma maneira de navegar pela novidade do cenário contemporâneo enquanto desenha e contribui para as metodologias e sabedoria tópica acumuladas de passados relevantes”<sup>2</sup> (MARKHAM; BAYM, 2009, p. xv, tradução minha). Reforçando assim o diálogo entre novos fenômenos com bases epistêmicas e metodológicas já existentes.

A autora aponta ainda que “a pesquisa na internet prova ser uma arena rica para se pensar sobre como a cultura contemporânea é constituída, e uma forma poderosa de fazer isso é refletir sobre os limites de projetos individuais”<sup>3</sup> (HINE, 2009, p. 2, tradução minha). De modo que se fez pertinente refletir sobre as possibilidades e limitações da relação entre a internet e uma pesquisa na Educação Musical.

Uma discussão da internet enquanto campo empírico e instrumento de investigação na área da Educação Musical é apresentada por Arroyo e colaboradores (2017). As autoras compartilham pesquisas realizadas e refletem procedimentos metodológicos onde a internet se deu como “contexto e instrumento instigador para a pesquisa contemporânea na área da educação musical” (ARROYO *et al.*, 2017, p. 68) e apontam que “a discussão metodológica acerca da internet como contexto e como instrumento de pesquisa ainda carece de atenção” (ARROYO *et al.*, 2017, p. 68). Elas também acreditam que outras investigações poderão compreender as práticas de aprendizagem e ensino de música realizadas em ambientes digitais.

Ainda sobre a pesquisa científica e a internet, Fragoso e colaboradoras nos fazem um alerta ao indicar que

uma das grandes dificuldades da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais e, de um modo especial, da pesquisa a respeito de novas tecnologias e internet, é a abordagem empírica. Como fazer”, “como aplicar” e “como pensar” abordagens metodológicas que sejam eficientes e que permitam aos pesquisadores coletar e analisar dados compatíveis com os seus problemas de pesquisa e com suas perspectivas teóricas mantendo o devido rigor científico constitui um dos maiores desafios que se colocam para os pesquisadores. (FRAGOSO *et al.*, 2011, p. 17)

Dado que “a internet, [...] popularizou uma nova forma de interagir com a música que afeta o modo de como ela é, enquanto produto cultural, entendida e usada na sociedade” (SOUZA, 2014, p. 654), há também novas formas de ensinar e aprender música, havendo então a necessidade de novas formas de pesquisar e compreender tais fenômenos.

A utilização das mídias sociais em pesquisas na Educação Musical é apontada por Arroyo (2014). A autora exemplifica uma pesquisa que se baseou na análise de dados oriundos de documentos físicos aliados aos conteúdos de mídias sociais. Ela indica ainda que “são milhões de postagens de características diversas que documentam acerca do aprender e ensinar música” (ARROYO, 2014, p. 8). Evidenciando assim a potencialidade das mídias sociais enquanto campo e fonte de pesquisas.

Em outro trabalho, Arroyo e colaboradores destacam a internet enquanto campo empírico e também instrumento de pesquisa das práticas pedagógicas da Educação Musical. Os autores apontam que “a discussão metodológica acerca da internet como contexto e como instrumento de pesquisa ainda carece de atenção” (ARROYO *et al.*, 2017, p. 68) e acreditam que outras investigações poderão compreender as práticas de aprendizagem e ensino de música realizadas em ambientes digitais.

### **3. A prática etnográfica enquanto abordagem metodológica de práticas pedagógicas imersas na cibercultura e no ciberespaço**

Podemos então refletir sobre um diálogo entre a Educação Musical e a Etnomusicologia ao discutir e analisar as práticas etnográficas enquanto estratégia metodológica na cibercultura e no ciberespaço (LÉVY, 2010; LEMOS, 2010), considerando características de fenômenos pedagógico-musicais que se dão sobre, na e através da internet.

De acordo com Lemos (2010, p. 16), a cibercultura “resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica” e mais, “o que chamamos de novas tecnologias situa-se num novo contexto sociocultural, numa nova ambiência social”. Segundo Lévy, o ciberespaço “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 2010, p. 17). E mais, para além que um lugar/meio, para o autor o “o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 2010, p. 17). O que nos conduz a considerar a presença e atuação do pesquisador enquanto indivíduo em rede e participante do meio digital, visto que há sua imersão no contexto da cibercultura.

Conforme as reflexões do antropólogo Geertz (1978, p. 15-17) a etnografia, ou mais precisamente, a “prática etnográfica”, se define em mais do que “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante [...]”, e sim no “tipo de esforço intelectual que ela representa: um

risco elaborado para uma ‘descrição densa’”, uma descrição que objetiva “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes”, ou seja, aprofundar os significados de estruturas complexas e diversas, de modo a aprendê-las e apresentá-las.

Com base nessa concepção de Geertz, Travancas (2012, p. 100) reforça que a etnografia “exige um ‘mergulho’ do pesquisador” e destaca dois instrumentos de coleta de dados, as entrevistas e a observação participante, para o trabalho interpretativo que conduzirá o processo de elaboração do texto resultante da prática etnográfica.

Na obra *Etnografia da prática escolar*, André (2012, p. 27-28), indica que a “etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade”. A autora reflete sobre as formas do olhar nesta abordagem, aponta que “se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura [...] de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo” e conclui que, na Educação, “fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito”. André aponta ainda que um trabalho em Educação pode ser caracterizado do tipo etnográfico visto que ele “faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos”. Na área da Música, essa abordagem vem sendo utilizada tradicionalmente pela Etnomusicologia (eg. RIBEIRO, 2017; MARINHO, 2016).

Em uma entrevista realizada por Braga (2012, p. 4-5), Hine apresenta os principais cuidados ao se realizar uma etnografia em ambientes digitais: tempo para familiarização e reflexividade. O primeiro refere-se a dedicação de tempo no processo de se familiarizar com o campo, destacando a necessidade de “olhar em torno e explorar o fenômeno sob todos os ângulos, tentando entender o que ele é, para quem existe e como é vivenciado”. E o segundo, a reflexividade, é apontado pela autora haja vista que “os fenômenos digitais são muito complexos. Existem em múltiplos espaços, são fragmentados e costumam ser temporalmente complexos”, no entanto, aponta que “podemos [...] entender os fenômenos digitais tentando adquirir nossa própria experiência autêntica desses fenômenos como etnógrafos inseridos, incorporados, e refletindo constantemente sobre o que sabemos e como o sabemos”. Hine reflete ainda que o segundo princípio é o mais significativo da etnografia em ambientes digitais e afirma que “a reflexividade é a chave, e isto, [...] está ligado com uma longa tradição de etnografia crítica e reflexiva que existia bem antes de a Internet tornar-se um fenômeno dominante”.

Na obra *Virtual ethnography*, Hine (2000, p. 63-65) apresenta dez princípios que

fundamentam a etnografia que se relaciona com a internet: a presença intensa do etnógrafo no campo; o ciberespaço não deve ser considerado como um espaço a parte da “vida real”; através das interações mediadas pelas tecnologias, pode-se ir além de um lugar específico para ir à múltiplos lugares; conseqüentemente a noção de “campo” é alterada, podendo-se haver maior foco no fluxo e na conectividade, do que em localidades e limites específicos; há o rompimento de “limites”, cabendo ao pesquisador as decisões de onde começar, aonde ir e onde parar; além do deslocamento espacial, há também deslocamento temporal; descrições holísticas são inalcançáveis, de modo que a etnografia na internet será necessariamente parcial; a interação intensa do pesquisador com o meio é fundamental, de modo que ele se vale enquanto informante reflexivo de suas interações; as tecnologias de comunicação podem tanto fazer os sujeitos presentes ou ausentes, as relações podem ser passageiras, mas ainda assim válidas; tal abordagem é adequada para explorar as relações de interação mediadas pelas tecnologias digitais.

Segundo Hine, “a etnografia tem sido usada [...] para documentar as diversas formas de atividade social facilitadas pela mídia digital” (HINE, 2017, p. 1, tradução minha)<sup>4</sup>. Assim, as atividades sociais com finalidades pedagógicas podem também ser consideradas.

A autora chama a atenção para a amplitude e adaptabilidade da prática etnográfica, sem deixar de lado a sua intenção científica. Para ela,

A etnografia é pensada como a mais aberta das abordagens de pesquisa, que se adapta às situações sociais que encontra. Isso não significa, entretanto, que os etnógrafos simplesmente vagueiam sem rumo ou que simplesmente por estarem em uma situação irão absorver dados. A etnografia pode ser adaptativa, mas ainda assim é intencional. (HINE, 2009, p. 6, tradução minha)<sup>5</sup>

Essa reflexão apontada por Hine é problematizada por Fragoso e colaboradoras, (2011, p. 170), elas apontam que “a etnografia tem passado por diversas mudanças, principalmente dado o aumento exponencial do número de ambientes digitais usuários das tecnologias de comunicação e informação constituindo assim observáveis para o trabalho etnográfico”. Tal fato é percebido no desdobramento de novas denominações para categorizar tal prática metodológica.

A partir da década de 1990, a proposição de termos específicos para denotar a etnografia na internet surgiu, em certa medida, na necessidade de reconfiguração de características etnográficas basilares. Ao discutir tal aspecto, Amaral (2010, p. 125) destaca que “o deslocamento, o estranhamento e o ‘ir a campo’, tão decisivos na formação do olhar

interpretativo, pareciam ter se esvaído frente a uma reconfiguração espaço-temporal advinda das TICs. Assim há transformações diretas no fazer etnográfico”. De modo que, no passar dos últimos anos, surgiram distintas nomenclaturas, cada qual com perspectivas epistêmicas e metodológicas diferenciadas, tais quais: etnografia virtual, etnografia digital, etnografia *online*, netnografia, webnografia ou ainda ciberantropologia<sup>6</sup>. Na área na Música, Almeida (2010, p. 77), etnomusicólogo precursor de estudos etnográficos brasileiros no ciberespaço, reforça que “todas essas abordagens [...] não devem ser consideradas discordantes, embora guardem, cada uma delas, suas idiosincrasias”.

Visto que há uma permeação da internet em nosso cotidiano, Hine (CAMPANELLA, 2015, p. 170) aponta ainda o declínio no uso de termos específicos para denotar etnografias que se relacionam com a internet. Para a autora, “usar algum dos termos comuns *on-line*, *virtual* ou *net* implica que isso é, de algum modo, um tipo fundamentalmente diferente de etnografia”, no entanto, reforça que “aplicar uma abordagem etnográfica à internet requer alguns tipos específicos de criatividade, de modo a ser capaz de detalhar os modos pelos quais as atividades on-line produzem sentido”. Esse pensamento é corroborado por Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 178) que compreendem que “o termo ‘etnografia’ possa ser retomado, desde que tais diferenças em termos de coleta de dados e de observação sejam descritas e problematizadas em suas distintas fases, com indicações das variações de níveis entre online e offline”.

Na área da Educação, a abordagem etnográfica já vem sendo utilizada no estudo sobre videoaulas no YouTube, visando, por exemplo, a compreensão do aprendizado de matemática (THEES, 2019) ou das formas de aprendizagem de conteúdos curriculares por jovens do ensino médio (SILVA, 2016). A abordagem também tem sido utilizada em pesquisas na área da Música sobre fenômenos que se dão na cibercultura e no ciberespaço. Naturalmente encontramos trabalhos sob o olhar da Etnomusicologia (ALMEIDA, 2010; SOUZA, 2014b; SILVA JÚNIOR, 2020), no entanto, mais recentemente, também sob as lentes da Educação Musical (BECHARA, 2015; OLIVEIRA; LOTH, 2020).

Embora não investiguem práticas da cibercultura, Queiroz e Marinho (2017) apontam que “a formação musical tem alcançado maior evidência e profundidade nos campos da educação musical e da etnomusicologia, ganhando ainda mais força em trabalhos estabelecidos na confluência de suas lentes interpretativas” (QUEIROZ; MARINHO, 2017, p. 63). E mais, para os autores, “entre os muitos pontos de intercessão [sic] entre educação musical e etnomusicologia, o uso da pesquisa etnográfica e do trabalho de campo, para a compreensão



de práticas musicais em contexto, têm caracterizado significativos diálogos e interações entre as duas áreas.” (QUEIROZ; MARINHO, 2017, p. 65). Destaco ainda que no trabalho de Queiroz e Marinho (2017, p. 77-78), que investigaram o contexto do gênero musical embolada no estado da Paraíba, um tópico discutido se dá justamente sobre “os meios tecnológicos e a transmissão da embolada”, a exemplo de gravações dispostas no YouTube, reforçando então o carácter transversal das tecnologias e a presença das mídias sociais nas práticas educativo-musicais.

#### **4. Considerações finais**

Nesse sentido, se pode (re)pensar o desenho metodológico das pesquisas em Educação Musical neste mundo contemporâneo. Na mesma medida em que vemos crescer a necessidade de rompimento de uma herança colonial europeia, aponto aqui o olhar para a quebra também dos tradicionais paradigmas positivistas no fazer investigativo na Educação Musical. Evocando o diálogo entre áreas, diminuindo assim muros construídos, por vezes inconscientemente.

Aponto então a possibilidade da tomada das práticas etnográficas enquanto estratégia metodológica ao se investigar fenômenos pedagógico-musicais na cibercultura e no ciberespaço. Se falamos de formação musical e de música, falamos de um fenômeno múltiplo que é pedagógico, (etno)musicológico, composicional e criativo, prático-interpretativo e diverso em um mundo de contextos diversos.

Dado que compreendemos que o ambiente digital pressupõe um meio de participação dos sujeitos em rede, formando o que entendemos por cibercultura, desbravar pesquisas em mídias sociais requer do pesquisador a sua imersão e interação de si em meio aos conteúdos, máquina e pessoas que se encontram no ciberespaço e nas mídias. Há de se considerar as características do meio e do próprio sujeito que afeta e é afetado pelo contexto que se insere. Tal (re)pensamento se desdobra na criação de novas nomenclaturas, como visto anteriormente, ou ainda ao propor novos olhares e abordagens que contemplem contextos diferentes e o papel do pesquisador que se insere e interage no meio.

#### **Referências**



- ALMEIDA, Luciano André da Silva. *Etnomusicologia no ciberespaço: processos criativos e de disseminação em videoclipes amadores*. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, 2010.
- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, n. 86, 2010, p. 122-135.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 18º ed. Campinas: Papirus, 2012.
- ARROYO, Margarete. Mídias sociais como fontes de pesquisa documental acerca da educação musical contemporânea. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 24, 2014, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPPOM, 2014.
- ARROYO, Margarete; BECHARA, Silvia Regina C. C.; PAARMANN, Heraldo. Educação musical, jovens e pesquisa na internet: compartilhando procedimentos metodológicos. *OPUS*, v. 23, n. 3, p. 67-90, 2017.
- BAYM, Nancy K. INTRODUCTION: Internet Research as It Isn't, Is, Could Be, and Should Be. *The Information Society: An International Journal*, v. 21, n. 4, p. 229-232, 2005.
- BECHARA, Silvia Regina de Camera Corrêa. *Jovens estudantes de música na cibercultura musical: facebook e educação musical 2.0*. 160 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2015.
- BRAGA, Adriana. Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. *E-Compós*, v. 15, n. 3, 2012, p. 1-8.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- CAMPANELLA, Bruno. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. *MATRIZES*, v. 9, n. 2, 2015, p. 167-173, 2015.
- CERNEV, Francine Kemmer. *Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: motivação dos alunos e estratégias de aprendizagem*. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, 2015.
- FRACASSO, Daniela Cesa. A música no currículo da educação de jovens e adultos: um estudo de caso. *Revista da Abem*, v. 28, p. 426-445, 2020.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. Londres: Sage Publications, 2000.
- HINE, Christine. How Can Qualitative Internet Researchers Define the Boundaries of Their Projects? In: MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy K. *Internet inquiry: conversations about method*. Califórnia: Sage, 2009.
- HINE, Christine. Digital Ethnography. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Social Theory*. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118430873.est0628>.
- LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 5º ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3º ed. São Paulo: Editora 34, 2010.



- MARINHO, Vanildo Mousinho. *Performance musical da Embolada na Paraíba*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy K. *Internet inquiry: conversations about method*. Califórnia: Sage, 2009.
- OLIVEIRA, Alerson Donizete de; LOTH, Vania Malagutti. Curso online de guitarra elétrica: uma netnografia em andamento. In: Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical, 19. *Anais...* 2020.
- PAIVA, Luciano Luan Gomes. *A aprendizagem musical mediada por tecnologias digitais, sob a ótica da complexidade: uma pesquisa-ação com guitarristas do curso de extensão da UFRN*. Dissertação (mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.
- PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros . Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. *Revista da Abem*, v. 22, n, 32, p. 90-103, 2014.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da Abem*, v. 25, n, 39, p. 132-159, 2017.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Educação musical e etnomusicologia: lentes interpretativas para a compreensão da formação musical na cultura popular. *OPUS*, v. 23, n. 2, p. 62-88, 2017.
- RIBEIRO, Fábio Henrique Gomes. *Performance musical na cultura popular contemporânea de João Pessoa/PB*. Tese (Doutorado em Música) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- SILVA, Marco Polo Oliveira da. *YouTube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue*. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2016.
- SILVA JÚNIOR, Adelson Marcelino da. *A circulação da música no ciberespaço a partir das práticas das cantoras Nathalia Bellar e Val Donato na cena musical independente da cidade de João Pessoa/PB*. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.
- SOUZA, Schneider Ferreira Reis de. Etnografia Virtual e Etnomusicologia: Reflexões de uma Pesquisa de Campo. In: Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Música, 3, Rio de Janeiro. *Anais...* 2014a.
- SOUZA, Schneider Ferreira Reis de Souza. *A Video Game Music na internet: nostalgia e estética no YouTube*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014b.
- THEES, Andréa. *“Aprendi no YouTube!”: investigação sobre estudar matemática com videoaulas*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Educação, 2019.
- TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2º ed. São Paulo: Atlas, 2012. p.98-109.



WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. A inserção da música no projeto político pedagógico: o caso da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS. *Revista da ABEM*, v. 18, n. 24, p. 73-80, 2010.

YAMAOKA, Eloi Juniti. O uso da Internet. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2º ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 146-163.

## Notas

<sup>1</sup> Esta comunicação é fruto de reflexões que emergiram de uma pesquisa de mestrado, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>o</sup> Juciane Araldi Beltrame.

<sup>2</sup> No original: “What qualitative internet researchers need is thus an exaggerated form of what all qualitative researchers require - a way to navigate the novelty of the contemporary landscape while drawing on and contributing to the accumulated methodological and topical wisdom of relevant pasts” (MARKHAM; BAYM, 2009, p. xv)

<sup>3</sup> No original: “internet research proves to be a rich arena for thinking about how contemporary culture is constituted, and a powerful way to do that thinking is to reflect on the boundaries of individual projects” (HINE, 2009, p. 2)

<sup>4</sup> No original: “Ethnography has been used to great effect to document the diverse forms of social activity facilitated by digital media” (HINE, 2017, p. 1).

<sup>5</sup> No original: “Ethnography is thought of as the most open of research approaches, which adapts itself to the social situations that it finds. This does not mean, however, that ethnographers just wander around aimlessly or that simply by being in a situation they will soak up data. Ethnography might be adaptive, but it is still purposive” (HINE, 2009, p. 6)

<sup>6</sup> Para mais aprofundamentos na discussão dos termos referentes à abordagem etnográfica na internet, ver Fragoso e colaboradoras (2011, p. 170-179).